


Proletários de todos os países UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

APÓS A SAÍDA DE SANTOS COSTA, QUEREMOS A SAÍDA DE SALAZAR!

UMA AMPLA UNIDADE ANTI-SALAZARISTA CONSEGUI-LO-Á!

As lutas travadas nos últimos meses, em que participou a maioria da Nação com a classe operária à cabeça, não foram em vão.

Tais lutas não puseram somente a nós, tanto no estrangeiro como para muitos portugueses que se têm mostrado indiferentes ou têm sido enganados pelos salazaristas, a existência dum divórcio completo entre o governo e a Nação. Tais lutas provocaram mudanças na situação política do nosso país.

O recurso do governo a uma repressão mais larga e violenta teve como objectivo não só tentar impedir o desenvolvimento da luta popular como também ganhar tempo para vencer as enormes dificuldades internas do regime.

O novo ministério, do qual foi banido o sinistro Santos Costa, bem como o odiado Trigo de Negreiros, foi de muito difícil composição. Salazar teve grandes dificuldades em encontrar colaboradores para a sua política de terror e de traição.

Alguns só muito pressionados e dada a sua qualidade de funcionários públicos, aceitaram as suas funções, embora cheguem a afirmar que só se conservarão por pouco tempo.

O lugar de ministro do Interior foi especialmente difícil de preencher, em virtude das sucessivas negativas de homens da União Nacio-

nal, e só na madrugada do dia seguinte ao da apresentação do novo ministério e, segundo dizem, contra a sua própria vontade, ele foi aceite pelo prof. Pires Cardoso.

A saída de Santos Costa e o agravamento profundo das dificuldades internas do regime, formam um dos aspectos da mudança que se produziu no nosso país.

A campanha eleitoral constituiu um grande período de lutas que se prolongou arduamente depois da burla. Estimuladas pelas importantes manifestações operárias, novas camadas da população foram mobilizadas. Elas representam sectores económicos da pequena e média burguesia e novas correntes políticas, todas elas desejosas actualmente por

uma mudança de regime. Essas novas camadas atingem mesmo elementos até há pouco profundamente situacionistas.

A decisão de luta da classe operária e de todas as classes trabalhadoras bem como o alargamento da acção anti-salazarista a novas camadas da população formam outro dos aspectos da mudança que se produziu no nosso país.

O nosso Partido tem feito, especialmente nos últimos anos, esforços contínuos para o estabelecimento duma unidade larga de todos os anti-salazaristas.

Embora saibamos das dificuldades que certos sectores põem à uni-

(Continua na 2.ª pág.)

CELEBREMOS O 5 DE OUTUBRO! VENÇAMOS AS ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA!

No próximo mês, dois acontecimentos relevantes terão lugar na vida nacional — as comemorações do aniversário da República e as eleições para as Juntas de Freguesia. Um e outro têm uma estreita relação com a luta dos portugueses pela saída de Salazar e pela conquista das liberdades democráticas. Um e outro devem ser amplamente aproveitados para unir, mobilizar e organizar o povo à

volta das suas aspirações imediatas.

As comemorações do 5 de Outubro podem ser grandes jornadas democráticas se todos os anti-salazaristas tiverem iniciativa, compreensão política e a mesma decisão de que deram provas durante e depois da última campanha eleitoral. Um largo espírito de unidade e de convergência nacional deve presidir à realização destes actos comemorativos.

Sabemos que estão em curso interessantes iniciativas da parte de vários sectores anti-salazaristas para que neste dia — um domingo — se realizem sessões comemorativas em colectividades, romagens às campas dos democratas e patriotas falecidos, concentrações populares com bandeiras nacionais e dísticos patrióticos.

Apoiamos entusiasticamente estas iniciativas e apelamos para todo o povo para que nelas participe activamente.

(Continua na 2.ª pág.)

CONQUISTEMOS A AMNISTIA!

Quando em 1955, durante as comemorações do 5 de Outubro, foi aprovado um apelo reclamando uma ampla amnistia política, bem depressa se constatou que tal aspiração correspondia a um profundo sentimento nacional que abrangia todas as classes sociais e correntes políticas. Passado um mês, em Novembro, eram já entregues, na Assembleia Nacional, as primeiras 8.500 assinaturas sob esse apelo.

Desde então, muitos outros milhares de assinaturas se têm recolhido para tal objectivo. Alguns jornais têm referido essas acções e, em especial a «República», sempre que a Censura o não impede, tem realizado uma verdadeira campanha em defesa da amnistia. Nos períodos eleitorais, logo que uma Censura menos rigorosa permite que se diga alguma coisa do que se pensa, imediatamente um coro de vozes se levanta a comprovar que a ampla amnistia política é uma reivindicação nacional.

Entretanto, o governo, a Assembleia Nacional e o presidente da República têm-se mostrado indiferentes a essa aspiração do povo (com excepção da voz isolada do deputado Pinto Barriga, que levantou na Páscoa de 1957 a vantagem duma ampla amnistia).

E' verdade que os ministros da Justiça e do Interior se viram obrigados a fazer referência à questão mas sempre distorcendo-a e apresentando argumentos de verdadeiros fascistas, quer considerando o «crime» de defender a democracia como mais grave do que o de roubar ou matar, quer afirmando que não vale a pena a amnistia porque os presos... não são muitos.

Com a última vaga de repressão, muitos conheceram o que são as prisões da PIDE, muitas famílias sentiram no seu próprio seio o que é ter um ente querido forçadamente afastado e preso, e maltratado, só porque não pensa como o governo ou defende os interesses dos trabalhadores, muitos portugueses esclareceram-se sobre o terror do regime.

Por isso, se, já antes de Junho, dos mais variados sectores sociais e políticos se levantavam vozes defendendo a amnistia, actualmente as condições são ainda melhores para levar por diante um amplo movimento com tal objectivo.

Em Maio deste ano foi divulgado

um novo apelo assinado por vinte individualidades de diversas ideias políticas e religiosas.

Esse apelo pode ser uma poderosa arma, capaz mesmo de conquistar a Amnistia Política, se se tornar a voz unânime de muitos milhares de portugueses.

Para isso será necessário, antes de tudo, tornar a recolha de assinaturas para o apelo uma recolha aberta e livre.

Essa actividade é absolutamente legal e a assinatura do apelo não será mais que seguir a acção já realizada pelas duas dezenas de pessoas, bem conhecidas, cujos nomes o acompanham.

Cabe à juventude, às mulheres, e em especial à classe operária, dar-lhe uma grande expansão e recolher assinaturas nas empresas, nas escolas, nos mercados, em todas as localidades, de porta em porta e de pessoa em pessoa.

Ao mesmo tempo, correspondendo à actual largueza do desejo duma ampla amnistia, há que ir, sem receio, falar a novas individualidades que, não tendo ainda tomado posição, estarão dispostas a fazê-lo agora, há que ir aos jornais, alguns dos quais tanto falam em «conciliação nacional», para que se solidarizem com a luta pela amnistia, há que receber a adesão de todos os portugueses, sejam eles quais forem, que se mostrem de acordo com esta sentida aspiração.

Para melhor organizar este trabalho, que terá forçosamente de ser paciente e esforçado, seria da maior vantagem a criação de largas Comissões de Amnistia que encabeçassem, em cada terra, essa acção.

Se as diversas correntes, se os portugueses que desejam um clima de tolerância — e são a esmagadora maioria — souberem unir-se atrás desta justa e nacional aspiração, a luta pela conquista duma ampla amnistia pode ser vitoriosa.

PEQUENOS E MÉDIOS CAMPONESES

LUTAM CONTRA A ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

A repetição, em fins do ano passado, da crise de escoamento da batata que arruinou milhares de produtores e os chorudos negócios realizados, mais recentemente, pelos grandes armazéns do vinho à custa da espoliação dos pequenos e médios vinicultores, estão ainda na memória de todos. Porém, outros casos menos gritantes mas nem por isso menos dolorosos para os pequenos e médios camponeses e para a economia do país, repelem-se todos os dias.

A garra da Organização Corporativa, café, agora sobre os produtores do leite da Correlhã (Ponte de Lima) e da Areosa (Viana do Castelo) e o resultado foi, como não podia deixar de ser, o agravamento da sua situação. O litro de leite que lhes era pago pelas vendeiras a 1\$50 passou a ser adquirido pela Organização Leiteira a 1\$20 e 1\$30, com o agravante do pagamento só lhes ser, feito depois de longas demoras. Além disso o leite foi escalonado por tipos, o que constitui uma outra forma de lesar os pequenos e médios produtores.

Indignados, os produtores do leite da Correlhã, reuniram-se em número de cerca de 300 para protestar contra esta exploração e

obrigaram um fiscal a fugir, para não sofrer as consequências dessa justa indignação. Por sua vez, os produtores da Areosa, fizeram vários protestos chegando a apedrejar as janelas do posto de recebimento do leite.

Um outro exemplo da «coordenação económica» promovida pela Organização Corporativa é o que se está a verificar com a fruta, a que aludiu o «Diário de Lisboa» de 1-9-58, especialmente no que toca às maçãs. Estas estão a ser vendidas em Lisboa, a preços superiores a 10\$00 a dúzia, enquanto que em várias regiões do norte do país são dadas ao gado por não se encontrar quem as compre nem por metade deste preço.

Para fazer face a esta situação, que não é só a da batata, do vinho, do leite e da fruta, mas a de toda a agricultura, deverão os pequenos e médios camponeses de todo o país seguir os exemplos de unidade e de luta dados agora pelos produtores de leite da Correlhã e da Areosa. Só pela união e pela luta, os camponeses conquistarão preços compensadores para os seus produtos e poderão quebrar os tentáculos monopolizadores da Organização Corporativa.



O POVO LEVANTA-SE CONTRA AS FORÇAS REPRESSIVAS

No dia 22-7 por causa dum multa de 2\$50 um PSP agrediu sem mais nem menos uma laboriosa peixeira, na Rua Morais Soares.

O povo, que se encontrava presente e mais se concentrou por causa do caso, não se convele e sovou o polícia. Entretanto apareceram «jeeps» com GNR e PSP, que atiraram sobre a multidão deixando duas pessoas em estado desesperado que se encontram no hospital de S. José, e prenderam 20.

Mas a razão e a força populares foram ainda demonstradas pela concentração massiva de povo que se impôs durante mais de 1 hora perante as forças repressivas, protestando sempre e vaiando-as.

★ Salvemos a vida dos presos políticos!
★ Reclamemos uma AMNISTIA imediata! ★

UMA AMPLA UNIDADE ANTI-SALAZARISTA

(Continuação da 1.ª pág.)

dade com os comunistas — os que mais esforços têm desenvolvido e sacrifícios têm feito na luta contra o fascismo; os que, encabeçando a acção da classe operária, têm levantado mais alto a bandeira das gloriosas tradições democráticas do nosso povo — guia-nos na nossa actividade a certeza de que o derrubamento do regime e o futuro do nosso país não pode ser acção de uma corrente ou de um grupo e de que não é a classe operária e o seu Partido que podem ser afastados dum luta que interessa profundamente a Nação.

As lições das recentes lutas em que exactamente a classe operária tomou a dianteira, foram factores poderosos para vencer essas dificuldades.

A constituição recente dum Comissão Organizadora da Junta Nacional de Libertação, que une desde já várias correntes políticas, e a crescente possibilidade da formação dum ampla unidade anti-salazarista foram outros dos aspectos da mudança que se produziu no nosso país.

Todos estes aspectos da mudança realizada mostram, antes de tudo, que está aberto o caminho para uma mudança mais radical.

Está aberto o caminho para a demissão de Salazar, está aberto o caminho para a conquista das liberdades fundamentais, está aberto o caminho para o Progresso e Bem-Estar da nossa Pátria.

Que é necessário para percorrer esse caminho?

É necessário que não cruzemos os braços à espera que as desinteligências internas destruam o regime, à espera da saída de Salazar que é boatada, agora, constantemente.

O regime não cairá por si e todas as manobras feitas pelos governantes têm como fim, não uma mudança sincera, mas dar um passo atrás para amanhã poderem avançar dois e continuar, e aumentar, a exploração e a opressão.

É necessário que os diversos sectores económicos e correntes políticas lutem incansavelmente pelos seus interesses e objectivos.

A classe operária impõe-se uma acção, tão concertada quanto possível, por aumento de salários, pelas liberdades sindicais, etc.. A sua luta, que pode e global centenas de mi-

PESCADORES DO BAIRRO DO ESCAROPIM! NÃO SAÍ DE VOSSAS CASAS!

35 famílias pescadoras que habitam no bairro do Escaropim à beira do Tejo, em Salvaterra de Magos, estão ameaçadas de serem postas fora de suas casas pela GNR, a mando dum proprietário aparecido à última hora, a quem, mesmo assim, os pescadores têm pago prontamente as rendas.

De resto nunca faltou quem lhes cobrasse as rendas desde há quarenta anos que aí se instalaram: primeiro a Câmara Municipal de Salvaterra, depois a Hidráulica do Tejo e agora este proprietário de Marinhais que sonha aumentar a sua fortuna à custa dos pobres pescadores e por isso lhes tem aumentado as rendas todos os anos.

Por toda a região do Ribatejo, nas margens do Tejo, de afluentes e

de pequenas valas que se espalham pelos campos há milhares de pescadores habitando barracas de madeira e de canço, cheios de miséria e de pobreza, constantemente ameaçados de despejo e de lhes serem arrasadas as casas (são estes os «avieiros» do conhecido livro de Alves Redol intitulado «Avieiros»).

Muitos conhecem-se dum bairros e doutros. Numa situação como a presente todos se devem unir assinando representações ao ministro da Justiça como já fizeram os do bairro do Escaropim, e ao juiz do tribunal de Coruche, onde o proprietário instaurou processo, para que os pescadores do Escaropim não sejam postos na rua e todos os pescadores do Tejo, de futuro, tenham direito a viver em paz nas suas pobres barracas, ou, no caso de ser necessário mudá-las, sejam para isso indemnizados.

lhares da parte mais decidida da população activa, será decisiva para a luta geral da Nação.

Aos agricultores, aos industriais, aos comerciantes, impõe-se a luta por preços remuneradores dos produtos agrícolas, contra os impostos e a acção paralizadora dos monopólios e da organização corporativa, pela liberdade de comércio com todos os países, etc..

Aos intelectuais, além da luta pelos seus interesses económicos, impõe-se em especial a acção contra a censura, pela liberdade de expressão do pensamento.

Aos militares impõe-se em especial o estreitamento da sua unidade contra o objectivo salazarista de os utilizar contra a Nação.

Aos jovens, às mulheres, a todos os portugueses, impõe-se uma acção larga pelos seus interesses específicos.

As diversas correntes políticas, a todos os democratas e anti-salazaristas impõe-se uma maior activação na luta pelos objectivos mais prementes de Amnistia Política, Liberdades Democráticas, política em defesa da Paz, etc..

Mas além de tudo isto é necessário que todas estas lutas sejam unidas e coordenadas.

As acções de cada sector ou de cada corrente têm, qualquer delas muito interesse e são, sem dúvida uma contribuição para a luta geral. Mas a unidade de acção multiplica o valor e a força das acções isoladas.

A unidade de todas as forças anti-salazaristas é possível, e é necessária para se conseguir o seu objectivo comum.

A plataforma que o Partido Comunista Português apresenta a todas as forças oposicionistas:

- Restabelecimento das liberdades democráticas
- Amnistia Política
- Elevação do nível de vida das massas trabalhadoras e do povo
- Defesa da economia nacional e luta contra os monopólios
- Restabelecimento de relações económicas, culturais e políticas com todos os países
- Política externa e independente de Paz e de colaboração com todos os povos pode constituir uma base de discussão para um programa imediato.

Se as forças anti-salazaristas sou-

berem vencer os seus preconceitos unindo-se sinceramente atrás de objectivos simples e comuns, o caminho que foi aberto pelas grandiosas lutas dos últimos meses será percorrido vitoriosamente pelo nosso povo.

E Portugal, depois de uma noite tão longa, verá nascer uma aurora nova que empolgará os portugueses para a frente no Progresso e no Bem-Estar!

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

JUNHO de 1958	Maridino	60.00	Álvoro Cu-	Manuiski(3,4)	20.00
A criança	13.50	Mineiros pro-	nhal (V)	Maria Ma-	
A Grevel	158.40	gressistas	Idem (PA)	chado	3.100.00
A Paz ven-		Mineiros ver.	Amnistia	Marquês B	45.00
cerá	25.00	Motor var.	Aos perse-	Marxista	50.00
Afonso Costa	35.00	Nikita	guidos	Mira (I)	50.00
Albeto	5.00	Operários da	Arq. da Paz	Novo camarada	5.90
Alberto (I)	130.00	CUF luteia-	Auxílio às	Para novas gre-	
Alentejano (P)	10.00	menio saler.	personas M.	ves (CB)	1.420.00
Álvoro Cu-	100.00	Peoreiro ver.	Grande	Idem (T)	100.00
nhal (H)	100.00	Peta era so-	Auxílio ao P.	Idem (M)	50.00
Amigo do	14.00	cialista	Avante ur-	Para os	
povo	14.00	País unidade	listas!	amanhã	
Ami. da	10.00	Pela vitória	Avante a	que cantam	200.00
Pátria	10.00	de Demo-	luta	Para os presos	7.50
Amigos do	350.00	cracia	Avante E.N.	Idem	142.50
Partido		Por um Por-	Bencários p.	Idem	50.00
Amizade à	10.00	tugal novo	unidade	Idem	70.00
URSS	10.00	Por um teatro	Banica ver-	Idem	75.00
Ao Partido	5.00	progressi-	melho (6)	Idem	25.50
Aos grevi-	235.00	vo	Bento Carça	Idem	40.00
vistas		Princípio do	Idem (6)	Para os pre-	
Aos grevis-	20.00	fim salez.	Idem (6)	sos polit.	50.00
tas de		Queremo no-	Comércio com	Partidários	
Baleizão	20.00	vas eleições	o Leste	da Paz	100.00
Aos perse-	22.50	Rui	Curie Z	Pavel	10.00
guidos	10.00	Saudamos os	Democrata	Paz	50.00
Idem	10.00	grevistas	15.00	Pela Paz	20.00
As mulheres	30.00	Saudamos	Dois irmãos	Pela uni-	
vencem		valentes	Quarte	dade	1.260.00
Aza	100.00	grevistas	É contra a FIDE	Pereira	
Carlos Costa	70.00	80.00	Ensinu livre	Gomes	60.00
(AI)		Sérgio Vi-	Esperança	Perseguidos	100.00
Certeza no	705.00	larigues	vermelha	Portugal ver.	100.00
futuro		Sputnik II	Estrela ver-	Rui	5.00
Dois amigos	10.00	Idem II(A)	melha (F)	Sérgio Vila-	
Dr. Artur de	7.50	Ulanova	Exército po-	rigues	220.00
Vicência		Um amigo	pular	Soldado da	
Idem e gen.	300.00	do Partido	Ferrovia	Paz	40.00
Delgado		Um amigo	Firmino	Sputnik II-P	85.00
É contra a	10.00	do povo	Fora Salazar	Soares	5.00
PIDE		Um democrata	Idem	Stakanov	
Família ami.	50.00	12.50	Galan (1,2,3)	(5,4)	100.00
do P. (B)		Um governo	Gravito	Ulanova	40.00
Gorky	250.00	sem Salazar	Greve políica	Um democra-	
Grevis-ta	25.00	e S. Costa	19.00	ta sincero	500.00
activo	40.00	Um simpati-	Greve Dimi-	Unidade pela	
H. Correia	35.00	zante	trov	amnistia	200.00
Jovem pio-		Uma jovem	G. Manuiski	Unidos vence	
neiro		Unidade	(5,6)	remos (R)	150.00
Liberdade	200.00	7.50	G. Operário	Urtubi (II)	100.00
para A. Cun-		Unidos ven-	H. Correia 2.	Venceremos	106.50
hals de		ceramos(C)	2.204.00	Vida feliz	100.00
para J.	500.00	68.60	Imprensa	Viário ver.	100.00
Vitoriano		Unificação	revoluci-	Vitório no	
Libert. presos	150.00	da Coreia	onária (6)	Iraque	50.00
Lutar para	20.00	15.00	Jack (6)	Viva o V Cong.	
vencer (B)		Viário ver.	Jovem pio-	do P.C.P.	100.00
Lutar sem	7.00	600.00	neiro	4 amigos da	
discutir		Abalço o sa-	Lénine (AG)	Paz	50.00
ançar	10.00	lazarismo	Liberdade para	8 de Março	50.00
Manuel		500.00	A. Cunhal	2 Patriotas	100.00
Alberio	5.00	5.00	220.00		
Alberio (T)	180.00	Alberio	Libertação		
		5.00	Mãe vermelha		
		10.00	5.00		
			Magnães		
			Lima (5,6)		

TOTAL 24.667.00

AVANTE PARA A CAMPANHA DOS MIL CONTOS!



AGORA... CASAS PARA TODOS!

Depois da burla eleitoral do 8 de Junho, o país assiste à mais bem orquestrada e extensa campanha de demagogia fascista.

Os salazaristas mentem desavergonhadamente, deformam a verdadeira situação do país e garantem, com a maior seriedade deste mundo, que agora é que vão resolver os graves problemas criados à nação pelos 32 anos do seu reinado. Tudo isto, claro está, emparelhado com a acção terrorista da PIDE para abafar os descontentes.

O objectivo de Salazar é visível: passar desesperadamente a terrível curva em que se encontra o regime para continuar, como dantes, a oprimir o povo.

Mas a verdade é que não é mais possível iludir a realidade dos factos e por isso as coisas falarão também por este lado.

Um dos mais activos bufões de Salazar, o sr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações, esfalza-se neste momento por convencer as gentes que agora cada português vai ter a sua casinha, muito confortável, muito sua. Organiza homenagens, conferências de imprensa e da rádio e outras barulheiras para gritar esta formidável patranha aos ouvidos do povo. Portanto, animem-se os nossos míseros operários dos salários de fome, os nossos famintos assalariados agrícolas, desempregados nos nove meses em cada ano, os nossos funcionários públicos que já não podem esconder a sua pobreza envergonhada! Agora é que é certo, é que vamos ter todos uma telha acolhedora e nossa, para viver descaunadamente até ao fim dos nossos dias. Uma telha novinha que nos é oferecida gentilmente pelo sr. Veiga de Macedo.

Cada português que o queira é só chegar ao pé do sr. ministro e das Caixas de Previdência, pedir emprestados 40 contos a dois por cento, pagar 200\$00 por mês e ao fim de 25 anos tem uma casinha sua!

O pior são as contas saloias! Parodiando espiritualmente o nosso Eça, muito bem disse o vereador dr. Baeta Henriques, quando com invulgar coragem atacou a política de salários e vencimentos do governo na sessão de Agosto último da Câmara Municipal de Lisboa: «*Não podemos servir-nos do «manto diáfano da fantasia» para encobrir «a nudez forte da verdade». E que nós dizem as contazinhas?*»

São as próprias estatísticas fascistas que nos respondem.

Em 1956, aos 342 mil operários, empregados e técnicos da indústria transformadora foram pagos salários e vencimentos no montante de 3 milhões e 74 mil contos. Tendo em conta que o pessoal não assalariado,

cerca de 10%, do total, recebe cerca de 27%, daquela verba, teremos que cerca de 308.000 assalariados receberam de salários 2 milhões e 224 mil contos. Feitos os descontos para o Desemprego e a Previdência — a tal Previdenciuzinha donde o sr. Veiga de Macedo nos «concederá» os 40 contos para a construção das casas —, descontos que ascendem a 14%, do total dos salários e vencimentos pagos, verifica-se que os 308.000 operários e as suas famílias, que ao todo podem computar-se em mais de um milhão de pessoas, têm para viver, em cada dia dos 365 do ano, a «importante» soma de 17\$00.

Como se vê a mecânica está muito bem feita: o sr. Veiga de Macedo, do dinheiro da Previdência que safu do nosso bolso (449 mil contos só do pessoal da indústria transformadora, em 1956) empresta-nos agora, como amigo, 40 contos a 2%, que nós ainda teremos de pagar deste «enorme» salário de 17\$00 diários!

Não está mal visto pois não?

BASTA DE REPRESSÃO!

Continuando a denunciar os bárbaros processos que a PIDE está utilizando, podemos indicar outros nomes de cidadãos portugueses, presos e maltratados, só porque são democratas ou não concordaram com a burla eleitoral.

António Ferrica (trabalhador rural em Montemor-o-Novo) — confirmam-nos que foi espancado barbaramente durante vários dias tendo sido transportado para a enfermaria do Aljube onde lhe foram dadas injeções para o reanimar.

Joaquim Machado (trabalhador rural em Montemor-o-Novo) — 5 dias de «estátua» e espancado várias vezes com pontapés e socos.

Fernando Ribeiro Matias (empregado comercial em Lisboa) — foi esbofetado.

Manuel Guilherme Martins (empregado na Carris) — esteve de «estátua» durante 14 horas sem arredar pé.

Marcus Aníunes (funcionário público em Lisboa) — foi espancado, ferido e esteve no segredo muitos dias.

Salvador (jovem engraxador em Lisboa) — foi espancado.

Luiz Manuel Ferreira dos Santos (funcionário corporativo na Marinha Grande) — foi esbofetado várias vezes.

Alvaro das Dolores Ramos (empregado no Parque Aeronáutico de Alverca) — foi espancado.

Dias (jovem servente da construção civil em Alverca) — apesar de sofrer de tuberculose, diagnosticado pelo médico da prisão, foi

PARALIZARAM O TRABALHO SALINEIROS DE 4 SALINAS DE ALCOCHETE

Os industriais do sal, de Alcochete, continuam a explorar infamemente os trabalhadores das salinas. Apesar de 15 canastras serem suficientes para perfazer um moio, os patrões pretendem que os salineiros tirem 18 canastras para lhe pagarem aquela quantidade.

Contra esta forma de exploração, levantaram-se os trabalhadores de 4 salinas que abandonaram o trabalho declarando que apenas tirariam 16 canastras. Ao fim de 3 horas de paralização, os salineiros conquistaram a sua justa reivindicação.

Na mesma ocasião, os trabalhadores da salina do fascista Quintela, apresentaram um pedido de aumento de \$80 em cada moio. O miserável Quintela, para não dar satisfação à reivindicação dos salineiros, não hesitou em mandar pôr debaixo de água 32 lalhos, o que representa um prejuízo de mais de 400 moios.

Nas salinas do Vale (Atalaia), o patrão mandou retirar umas vagonetes que facilitavam o trabalho aos salineiros, estes recusaram-se a trabalhar enquanto as vagonetes não fossem colocadas no sítio onde estavam, o que acabaram por conseguir.

Estas lutas e as vitórias em duas delas alcançadas mostram, uma vez mais, que, só pelo reforçamento cada vez maior da sua unidade e pela luta persistente, os salineiros de Alcochete podem conquistar as suas reclamações.

Contra a investidura de A. Tomaz (outras informações)

Para manifestarem o seu protesto contra a investidura do Presidente imposto por Salazar à Nação, mais de 100 pessoas concentraram-se, dia 9, no Barreiro. No dia 10, de entre a multidão que assistia à passagem dos ciclistas partiram vibrantes gritos de «*Viva o general Delgado*» que foram unanimemente apoiados.

Um guarda republicano que quiz provocar algumas pessoas foi castigado pelo povo com uma valente sova.

Também, na Cova da Piedade, mais de 100 pessoas se concentraram para manifestarem o seu protesto contra a investidura de A. Tomaz.

Nestas duas localidades, como no Seixal, Montijo, Monte da Caparica, etc., os muros foram cobertos com vivas frases de protesto: «*Não queremos A. Tomaz!*», «*Demissão do Governo!*» e outras.

OIÇA A RÁDIO!

Rádio Moscovo: Transmite diariamente para Portugal no horário das 22.30 às 23.30 horas, pelas ondas de 16, 19, 25 e 31 metros.

Rádio Pirineico: Transmite todos os dias, em espanhol nas ondas de 24, 25 e 26 metros, desde as 7 h. às 7.30 e das 17.30 às 24, com um intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

Há 400 Anos Morreu Sá de Miranda

Quatro séculos se completam este ano sobre a data da morte do grande artista e cidadão que se chamou Francisco Sá de Miranda (1481-1558). Poeta dos maiores da nossa literatura, foi ele o revolucionário introdutor dos ideais humanistas e das novas formas da arte da renascença no nosso país. A sua vida e a sua obra são um fecundo exemplo de artista militante, de intelectual devotado aos interesses e anseios dos explorados e oprimidos.

O seu entranhado amor e respeito pelo povo trabalhador dos campos e das urbes; o corajoso desassombro com que criticou os poderosos do seu tempo (os nobres latifundiários feudais, os cortesãos corruptos que dissipavam as riquezas nacionais, os juizes sem vergonha, o clero sem moral, os oportunistas sem escrúpulos, etc.); a sua apaixonada defesa da liberdade do pensamento; os seus ideais generosos de justiça social; a sua constante preocupação pelos destinos da sua Pátria — aliaram-se em Sá de Miranda a uma justa

compreensão da utilidade e da responsabilidade social da arte e uma visão dialéctica do mundo, fazendo dele um poeta profundamente actual, um irmão de armas dos intelectuais mais progressivos dos nossos dias.

É sem dúvida essa actualidade do seu exemplo e da sua obra que explicam o silêncio significativo com que os nossos governantes pretendem comemorar esta data. Os salazaristas sentem bem que Sá de Miranda não seria dos seus se hoje vivesse e temem com razão as lições do seu exemplo e as críticas certas que, através da sua obra, atingem os poderosos do Portugal dos nossos dias.

Mas nós, comunistas portugueses, ciosos defensores e continuadores das tradições revolucionárias da nossa história, não queremos pactuar com esse silêncio culpado e aqui deixamos a nossa homenagem a essa extraordinária figura moral, intelectual e artística que foi Sá de Miranda.

AS DUAS VIRTUDES DO PRESIDENTE IMPOSTO

Durante a campanha eleitoral os salazaristas fizeram a propagação do seu candidato, à volta de duas virtudes que foram proclamadas em todos os discursos. A primeira, a sua seriedade (o próprio candidato não se cansou de repetir que era «um homem sério»); a segunda, o seu labor, como «grande renovador da nossa armada».

Da sua seriedade deu o sr. A. Tomaz suficientes provas ao colaborar, como principal parceiro, na burla com que Salazar violentou a vontade da Nação. A obra de «re-

vador da nossa armada» foi o seu sucessor na pasta da Marinha quem se engarrou de desentrelar ao falar de «planos que se esboçam e não têm realização» e ao afirmar: «*Presentemente, exceptuando alguns navios da NATO e outros de muito modesta tonelagem para a protecção das águas costeiras, encontramos-nos numa situação não isenta de apreensões, por caminhar-mos novamente por forma acelerada para o zero naval de tão triste recordação.*»



AS MANOBRAS E AS PROVOCAÇÕES AMERICANAS ENVENENAM A ATMOSFERA INTERNACIONAL

A condenação pela ONU da intervenção armada dos Estados Unidos e da Inglaterra, no Líbano e na Jordânia, constitui uma pesada derrota para a política de força que os círculos imperialistas queriam impôr no Médio Oriente.

Contra o que eles esperavam, vários Estados, que ainda há pouco votavam obedientemente com os americanos (o caso de muitos países da América Latina), recusaram-se a apoiar a moção que estes queriam fazer aprovar, por verem nela uma ameaça à integridade e à independência dos seus próprios países. Desta maneira, os americanos e ingleses, para não ficarem isolados, resolveram mostrar boa cara ao mau tempo e votaram a moção árabe que não dá satisfação a nenhum dos objectivos da sua política e exige a retirada das suas tropas do Líbano e da Jordânia.

Porém, esta sua reviravolta é ainda uma manobra, visto que não se mostram dispostos a cumprir a resolução da ONU. Ao mesmo tempo, recorrem ao velho expediente do auxílio económico, tentando alcançar pela dominação económica o que não conseguiram com o golpe militar. O «generoso» auxílio proposto por Eisenhower, não é mais que o plano concebido por Rockefeller e outros magnatas do petróleo e que se destina a conservar e a alargar a dominação das companhias petrolíferas americanas sobre o petróleo do Médio Oriente de que controlam actualmente 1/3 da produção.

Os povos árabes estão, no entanto, vigilantes e, ao mesmo tempo que reclamam a retirada imediata das tropas que ocupam o Líbano e a Jordânia, mostram-se dispostos a recusar o auxílio americano que já qualificam numa nova «doutrina Eisenhower» e a promover o desenvolvimento económico pelos seus próprios meios.

A Paz novamente ameaçada

Enquanto na ONU as suas manobras fracassavam, os Estados Unidos iniciaram uma série de provocações à República Popular da China.

O próprio Joseph Alsop, jornalista americano ligado ao Pentágono, afirma: «Chang Kai Chek não costumava ter tropas regulares nas ilhas costeiras (as Quemoy e as Matsu) e foi o governo americano que o forçou a enviar para ali uma parte das suas tropas» («O Século» de 25-8-58). E ele não refere as constantes e provocadoras

manobras da 7.ª esquadra no estreito da Formosa e o desembarque de milhares de jateiros navais em Singapura.

Os 600 milhões de chineses que se libertaram do jugo do imperialismo e que caminham na construção da sociedade socialista não podem tolerar que os 15 milhões dos seus irmãos da Formosa e outras ilhas continuem a suportar a opressão dum camarilha vendida ao estrangeiro e que sejam utilizados em acções provocadoras contra a sua própria pátria.

A constante interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos da China é a verdadeira causa dos perigos que ameaçam a Paz no Extremo Oriente e que podem arrastar a humanidade para uma guerra generalizada.

Os perigos ameaçam o nosso País

Os imperialistas americanos preparam-se, por outro lado, para ampliar e modernizar a rede de bases em redor da URSS e da China. Nestes planos estão incluídas as bases americanas nos Açores para as quais o Congresso americano acaba de votar uma verba de cerca de

250 mil contos «para construções de vária ordem».

O que quer isto dizer? Será que vão ser construídos nos Açores depósitos para as bombas atómicas que informações seguras nos dizem já ali existirem? Tratar-se-á da construção de rampas para o lançamento de foguetões?

O governo de Salazar prosseguindo na sua política de entrega de parcelas de território nacional aos imperialistas estrangeiros, com um absoluto desprezo pelos sentimentos e pela opinião do nosso povo, nada se dignou explicar. Mas uma coisa é certa, os americanos vão modernizar e ampliar as suas bases nos Açores de forma a melhor servirem os seus planos agressivos. O nosso País fica, portanto, mais directamente envolvido nas aventuras belicistas dos generais americanos.

Por todo o mundo a política imperialista dos Estados Unidos está a provocar focos de tensão que podem arrastar a humanidade para uma guerra de extermínio. É imperioso que o nosso País se desligue completamente das aventuras guerreiras americanas para não ser arrastado nas suas consequências.

TRIBUNA DO LEITOR

MAIS ESCOLAS—MENOS CARIÕES

Com as suas «profundas inteligências» e o seu «agudo poder de previsão», os nossos governantes, responsáveis pelo ensino, foram este ano, mais uma vez, apanhados... de surpresa!

Como se não pudessem prever que o número de inscrições para o presente ano lectivo excederia em muito a capacidade dos liceus e escolas técnicas. Em reuniões estelbelhoadas, à última hora, o sr. Ministro tentou o impossível—meter o Rossio na Betesga. E as soluções adoptadas foram, como não podiam deixar de ser, soluções de emergência, pois para as necessidades deste ano, em condições normais, em Lisboa por exemplo, seria necessário o dobro de escolas técnicas e o triplo de liceus.

Além dos prejuízos económicos para os pais dos alunos, que não obtiveram vaga ou foram transferidos para outros liceus ou anexos, muito mais afastados de casa, são inúmeros os prejuízos pedagógicos provocados pela actual situação, que se vem arrastando há dezenas de anos, agudizada agora.

Os professores existentes, em número manifestamente inferior às necessidades, têm o trabalho de tal modo dificultado e são tão mal remunerados, que as suas funções de mentores e preparadores do carácter da juventude, passaram a ser as de simples funcionários burocratas a vender conhecimentos... a maior.

E embora seja geralmente reconhecido que há um número insuficiente de professores, não se alargam os quadros de efectivos e a maioria está na situação de adjunto ou provisório, o que traz vantagens económicas para o Estado (pois estes professores são «as mulheres a dias do ensino») e graves prejuízos para professores e alunos.

Estas condições de excesso de alunos e falta de estabelecimentos de ensino dão-se apesar do Estado limitar o ensino às classes que têm algumas possibilidades. Se tal como seria por desejar e de exigir, as classes menos protegidas e mais numerosas, como a compnosa e operária, tivessem condições de levar os seus filhos às escolas, então o problema seria simplesmente catastrófico.

A falta de estabelecimentos de ensino, a insuficiência de professores, o baixo nível da cultura em Portugal, assim como a rigorosa censura e a existência dum forte aparelho repressivo, situam-se na mesma linha de acção do fascismo.

As verbas, em vez de irem para o desenvolvimento científico, social e cultural das massas, são destinadas a apetrechar o exército que se pretende ligar às aventuras bélicas dos imperialistas americanos e às forças de repressão.

Só um regime democrático, eleito pela vontade unida dos portugueses, conseguirá dar-nos liberdade, pão e cultura

Um casal de professores

PROTESTEMOS CONTRA A CARESTIA DA VIDA

A situação do povo tem piorado sempre com o aumento constante do custo de vida, a que não corresponde o aumento de salários e ordenados que seria de esperar. Isto significa que o dinheiro ganho pelos trabalhadores não chega, além do mais, para estes comarem todos os dias o que têm na vontade. E uma dona de casa consome-se sem saber como alimentar uma casa de família, porque tudo se torna difícil de chegar à mesa do pobre.

O peixe, alimento a que os pobres mais recorrem, só nesta época do ano se consegue comprar um pouco mais barato, mesmo assim só o cerapau, chicharro, cachucho, ou outra qualquer espécie inferior, embora muitas vezes em meu estado.

Nos talhos não falta carne, mas quantas pessoas olham as suas montras, debetendo-se ante o desejo e a necessidade, evidente, de o comprarem e a impossibilidade de o fazerem? E quem pode chegar aos ovos, à fruta e às hortaliças?

Todos os dias podemos ouvir as dificuldades e aflições com que se debatem muitas mulheres, mães de família. Aqui se queixa uma de não poder dar um pouco de fruta aos filhos—como o médico aconselha; ali se lamenta outra porque na sua casa deixaram de beber vinho (o tónico dos pobres) à refeição. E de um modo geral tudo se lamenta porque o dinheiro não chega para as despesas mínimas diárias, por muito reduzidos que sejam, e ainda que a alimentação de muitas famílias seja a sopa e um pouco de pão com peixe, como conduto, do princípio ao fim da semana.

O povo sabe, por sua amarga experiência, o que significa a política de preços do governo. Sabe, por exemplo, que oficialmente há carne nos talhos a 10\$00 o quilo, mas que na prática se paga ao preço de 18\$00 e 20\$00. Sabe que nas mercearias há arroz a 5\$30, açúcar a 5\$30, bacalhau e azeite a 12\$00, etc., etc. Mas qual a qualidade destes generos? Na maioria dos casos são péssimos, quando não intragáveis, e longe de alimentarem arruinam a saúde de quem os consome. Mas é a eles que os pobres têm que recorrer.

O povo quer trabalhar mas ganhar o suficiente para se poder alimentar, e não ficar sempre a olhar para o prato com pena de não poder comer mais. Mas só conseguirá isso pelo seu próprio esforço, pela sua própria luta. E nós, donas de casa, que tanto sentimos a dureza da vida, muito podemos ajudar os nossos maridos a lutar por uma vida melhor.

Unindo-nos, umas com as outras, protestemos contra a carestia da vida, pois somos nós que mais sentimos os seus efeitos.

Uma dona de casa

COISAS CURIOSAS OU SIGNIFICATIVAS

— Temos na nossa frente a circular n.º B-58 da direcção do Grémio de Lavoura de Almeirim, datada de 1 de Agosto deste ano.

Depois de convidar o destinatário a assistir ao desfile por ocasião do acto de posse do Presidente da República, termina desta forma «tentadora»:

«Também se encontra aberta... a inscrição para o transporte gratuito em camionete e almoço nos refeitórios da F.N.A.T. ...»

A Bem da Nação
Comentar? para quem?

— O empresário teatral José Miguel convocou recentemente uma reunião de imprensa, para a qual, por razões compreensíveis, não nos chegou qualquer convite. Podemos, no entanto, ler em «O Século» (de 3-IX) que, na sua opinião, as dificuldades que o teatro ligeiro está atravessando se devem: ao baixo nível de vida do português médio, à acção da censura, e aos altos impostos, entre os quais destaca o Socorro Social, que continua a pesar na balança embora «criado por altura de uma desgraça que assolou o país».

A desgraça que assolou o país vem já de 1926 e é ela que impede o florescimento do teatro como das outras actividades culturais.

— O Rev. Gustavo de Almeida parece ter descoberto, agora, que há coisas que andam mal no nosso país. E apostrofá-as, sabem onde?... no «Diário da Manhã»! Em artigo recente afirmava ele que os deputados e políticos seus amigos só talvez vissem de positivo «uma recta intenção».

Com graça, a que não resistimos transcrever, comentava o «Diário de Lisboa» em nota do dia (23-8-58): «esqueceu-se o ilustre articulista... de acrescentar que de rectas intenções está o inferno cheio.»

E na verdade mau, para o regime, que no seu órgão, já só descobram, nos seus apuniguados exactamente aquela qualidade que enche o inferno.

PARA OS MIL CONTOS

TRANSP.	295.335.50	»	1960	30.00
A' memria do cam.		»	1978e1979	200.00
Patuleia	25.00	»	1988	10.00
Abaixo a Censura	20.00	»	1158	50.00
Abaixo o Isolismo	5.00	»	3680e3621	20.00
Alentejanos amigos	30.00	»	5647e5648	20.00
Idem	100.00	»	8009e8010	100.00
Alvaro Cunhal	5.000.00	»	Duma família comunista	6.7e7.80
Amigo do progresso (S)	100.00	»	Idem	2.699.70
Amigos do Gen. Delgado	38.00	»	Heróicos camponeses	10.00
Avante camaradas	27.00	»	J.J. Martins Rodrigues	60.00
Boa Via	200.00	»	Idem	75.00
Camponeses vermelhos	10.00	»	Kropotkin	1.000.00
Carlos Costa	5.00	»	Medicina progressista	1.000.00
Castor	70.00	»	Mineiros ver.	10.00
Coupon	50.00	»	O Fovo vence	5.00
»	20.00	»	Oporários m. s. do Tejo	70.00
»	20.00	»	Pela Liberdade	500.00
»	20.00	»	Pela Paz	100.00
»	(2) 40.00	»	Pela unidade	500.00
»	(2) 100.00	»	Pela vitória	100.00
»	(2)	»	Pelo derrub. do Salazar.	150.00
«Família unida»	20.00	»	Idem	120.00
Coupon (parte)	2.50	»	Pescador ver.	500.00
Coupon 331	500.00	»	Rosa vermelha	10.00
»	552	»	Uma sugestão	60.00
»	570	»	Idem	100.00
»	505	»	Vitória é certa	110.00
»	595	»	Viva gen.	
»	806e808	»	151	50.00
»	1004	»	1151e1155	100.00
»	1151	»	1519	20.00
»	1816	»	1816	50.00
»	1847	»	1847	20.00
»	1861	»	1861	100.00
»	1871	»	1871	100.00
»	1882	»	1882	100.00
»	1936	»	1936	40.00
»	1948	»	1948	100.00
TOTAL:				317.493.50

SEPARATA
Com este número do «Avante!» sai uma separata com rubricas, num. total de 30.206\$90.

A CAMPANHA DOS MIL CONTOS

Esta campanha que se iniciou no começo do ano, teve até agora uma realização muito reduzida e, no entanto, deveria terminar em breve.

A necessidade de atingir o objectivo proposto liga-se à efectivação de importantes tarefas do nosso Partido, que urge levar ao diante.

O que até hoje recebemos e a experiência recolhida indicam-nos que é possível atingir em curto prazo e vitoriosamente o fim da campanha.

Para isso é necessário que, em primeiro lugar, todos os militantes deem o exemplo da sua dedicação, que os simplices sejam chamados a uma efectiva colaboração e que saibamos, todos nós, com iniciativa e audácia correspondentes às novas condições políticas, apelar para os numerosos democratas e anti-salazaristas que concordam com a actividade do nosso Partido.

AVANTE! ATINJAMOS RÁPIDAMENTE OS MIL CONTOS!